

A. LEMOS BARBOSA

O "VOCABULARIO NA
LINGUA BRASÍLICA"

★

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

A. LEMOS BARBOSA

O "VOCABULARIO NA
LINGUA BRASÍLICA"

★

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

[1948]

PM 7176
V76 B3

list
author
mar. 8, 1951



REC 12 Apr. 51

ADVERTÊNCIA

O *Vocabulario na Lingua Brasilica* é um dos mais venerandos documentos sôbre a língua tupi no século XVI.

Na opinião do Padre Serafim Leite (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, t. II, pp. 552-556), seu autor foi o Padre Leonardo do Vale S. J. (+ 1591). Realmente, Marçal Beliarde atesta que Leonardo "compôs um ótimo vocabulário, rico e muito útil" Mas seria o mesmo *Vocabulario na Lingua Brasilica*, ou outro? Em 1592, já após a sua morte, "renovava-se o pedido para a impressão dum léxicon tupi que se estava escrevendo". Isto se poderia explicar como um simples aperfeiçoamento ou remodelação da obra de Leonardo, salvando-lhe assim a autoria do *Vocabulario na Lingua Brasilica*. Mas é uma hipótese, e a questão não fica definitivamente encerrada.

As páginas que se seguem prescindem da questão da autoria. São mais um exame da índole interna da obra e de suas informações lingüísticas. Ninguém igno-

29 m. 51

ra, entretanto, quanto pode um estudo dêsse gênero contribuir para a solução de problemas de natureza histórica. Em nosso caso, surge mais um elemento a favor da opinião de Serafim Leite, e contra a autoria de Anchieta. Pois resulta bem claro que o primitivo texto do *Vocabulário* não foi redigido em Piratininga, senão mais para o Norte.

Estas notas foram escritas em três épocas distintas, a partir de 1944, e à medida que, sucessivamente, tive conhecimento de três códices do *Vocabulário*. O desenvolvimento do trabalho deve ser olhado dentro dessa contingência. O livro se estendeu pelo tempo, e evoluiu com êle.

Quando, em 1938, o Departamento de Cultura do Município de São Paulo publicou o "Vocabulário na Língua Brasilica" (1), mais tarde identificado por Serafim Leite (2) como sendo de autoria do Pe. Leonardo do Vale († 1591), eu saudei com entusiasmo o aparecimento do célebre inédito, trazido para o Brasil por Félix Pacheco (3).

Até aquela data, quanto tinha de rica a literatura sobre o dialeto guarani, tanto era falha a nossa bibliografia para o estudo do tupi antigo. Só possuíamos as "Artes" de Anchieta e Figueira e mais alguns catecismos, raríssimos no comércio, não levadas em conta as pequenas listas de palavras ou frases, coligidas pelos velhos escritores do Brasil colonial, quase sempre eivadas de erros tipográficos. Daí muita confusão entre tupi e

(1) VOCABULARIO NA LINGUA BRASILICA, Manuscrito português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo. 1938.

(2) LEONARDO DO VALE, AUTOR DO PRIMEIRO "VOCABULARIO NA LINGUA BRASILICA" (1591). P. Serafim Leite, S. J. Separata da Revista VERBUM, Rio. 1944.

(3) VOCABULARIO NA LINGUA BRASILICA, in "O Diário" de Belo Horizonte. 10-X-1938.

nheengatu, entre tupi e guarani, mesmo em autores de valor, como Batista Caetano e Teodoro Sampaio. Daí a facilidade com que se atribuem ao tupi frases, construções e até palavras inexistentes naquele idioma.

Os velhos escritores não registraram senão parcialmente a estrutura dos períodos tupis. Em vez das conversas vivas, dos discursos e dos cantos indígenas, limitaram-se, por óbvias razões de apostolado, a deixar-nos poesias e sermões à moda européia. E assim, em vez da sintaxe por juxtaposição ou parataxe, que devia predominar na língua tupi, conservaram-nos períodos complicados, com três, quatro e mais subordinadas, ao estilo do espanhol e do português daquela época.

Se o mecanismo interno de cada frase nos foi fielmente transmitido pelos gramáticos, faltava-nos ainda conhecer, com segurança e exatidão, o vocabulário tupi. De todos os dicionários anteriormente publicados, o que representa o tupi mais antigo é o que vem na *Crestomathia* de Ferreira França (4). Mas, além de muito sucinto, são tantos os erros de transcrição e tipografia, que pouca confiança se lhe pode ter.

Essa lacuna é que o Vocabulário de Leonardo do Vale veio preencher.

(4) *CHRESTOMATHIA DA LINGUA BRAZILICA*, pelo Dr. Ernesto Ferreira França. Leipzig. 1859.

Desde o século passado os estudiosos do tupi procuravam um Vocabulário escrito pelos primeiros jesuítas, e atribuído a Anchieta. Não devia ser apenas a informação da sua existência, dada por Simão de Vasconcelos. Era a convicção de que os padres não poderiam ter deixado de compor uma obra como aquela, de quotidiana necessidade e precisão.

Com a publicação do precioso manuscrito, ficamos senhores de todos os elementos para o estudo integral do tupi. A *Arte* de Anchieta e a de Figueira nos dão o material para a gramática. O *Catecismo* de Araújo é um arsenal de exemplos. A obra de Leonardo do Vale, encerrando a "trilogia", de que fala Serafim Leite, nos empossa de todo o acervo vocabular da língua. Como complemento, é de esperar ou sequer augurar que não tarde mais a publicação de todas as poesias tupis de Anchieta, das quais, há mais de 10 anos, os padres jesuítas, no Brasil, possuem cópias fotografadas.

A *Arte* de Anchieta, tendo tido sucessivas edições, não conserva mais segredos para os estudiosos. O *Catecismo*, que pela pureza da língua, pela extensão e antiguidade do texto, é o mais valioso documento que há em tupi, teve três edições, todas raras. Apesar do seu valor filológico e de suas informações etnológicas, não foi ainda traduzido.

Mas, das três obras, o Vocabulário é a menos conhecida. O próprio especialista que se encarregou da publicação do texto, deu mostras de não o ter estudado profundamente (5).

Serafim Leite anotou algumas das novidades que o aparecimento do Vocabulário veio trazer para a nossa etnografia e história natural (6). Muito mais importante é o seu valor filológico. Composto pelo "Príncipe das Línguas do Brasil", remonta à mais alta fase dos estudos lingüísticos indígenas. Lá figura o tupi naquela forma ainda indecisa, própria das línguas que mal entraram na era gramatical. A oscilação gráfica não provém apenas das várias mãos que retocaram a obra. Divergências ortográficas ocorrem em todos os autores antigos. Montoya, Insaurralde escrevem o mesmo nome sob várias grafias, diversas mas equivalentes. Isso no próprio dialeto guarani, que estabilizou tão depressa a sua gramática. A mesma oscilação fonética da língua necessariamente se refletiria na ortografia. O fonema *y*, típico do tupi, p. ex., foi surpreendido em plena evolução para *u* na época

(5) O DIÁLOGO DE LÉRY. A. Lemos Barbosa. In Revista Filológica, n.º 16. Rio. Março de 1942.

(6) *Ob. cit.*, págs. 25 ss.

do descobrimento. Devia vir de longe a tendência. Fato é que já nos mais remotos documentos a vogal de transição *y* cede lugar muita vez ao *u*, sobretudo quando sob a influência de labiais vizinhas. No Vocabulário lê-se: "Noite. — Putuna" e em seguida: "Noite ser. — Pigtun. Pigtuã. Pigtuniã". Em outro verbete a regra vem explícita: "Fólego tomar ou resfolegar. — Xepigtuẽ. E tanto mōta pernunciar-se cada hũ destes com pũ como com pig. ut. Xeputuẽ. etc.". No guarani o *y* resistiu, e resiste ainda. Foneticamente, aquê dialeto foi sempre mais conservador que o tupi, apesar da frequência das apócopes e apesar de o tupi na sua sintaxe conservar traços mais arcaicos.

Outras divergências, dentro do Vocabulário, se devem a matizes dialetais. A diferença não era apenas entre o tupi e o guarani. Dentro do mesmo tupi as características locais se iam acentuando. À medida que se sobe a costa, nota-se que o tupi se distancia gradualmente do guarani. Em sua "Arte", logo de início, Anchieta assinala parcialmente o fato: "des dos Pitiguáres do Paraíba até os Tamôyos do Rio de Ianeiro pronunção inteiros os verbos acabados em consoante, vt *Apáb*, *Acêm*, *Apên*, *Aiúr*... os Tupis de sam Vicente, que são alem dos Tamôyos do Rio de Ianeiro, nunca pronuncia ultima consoante no verbo affirmativo, vt pro *Apáb*, dizem, *Apá*,

pro *Acêm*, & *Apên*, *Acê*, *Apê*, pronunciando o til somente, pro *Aiúr*, *Aiú*." (7).

Os "Tupis de S. Vicente", lingüísticamente, colocavam-se em um meio termo entre os tupinambás e os carijós ou guaranis, formando um traço de união entre dois extremos bem definidos e distintos.

O Vocabulário na Língua Brasileira reflete em geral o tupi falado pelos índios da Bahia, com os quais o Autor manteve longo contacto na época em que regia a cadeira da língua e em que traduziu para o tupi a "Doutrina Cristã" de Marcos Jorge.

Mas de onde em onde aparecem notas sobre os regionalismos do sul:

"*Acerca que, ou quasi que.* — Cuer (*sic*) ut aiuca cuer, quasi q. o ouuera de matar. Seu deminutivo Cuerĩ. O Tupi diz, *Çô*."

"*Cesto entre os Tupis.* — *Aiacâ*."

"*Coentro.* — *Tamejuâ*, entre os Tupis." (8)

"*Cotouelo.* — *Tendigbãgã*. *Puraquê*, o Tupi."

(7) ARTE DE GRAMATICA DA LINGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL, feita pelo P. Joseph de Anchieta, Ed. fac-similar da Biblioteca Nacional. Rio. 1933, p. 1 v.

(8) O verbete está fora de ordem alfabética, à pag. 161.

"*Cunhado de molher, marido de irmã ou prima mais uelha.* — *Tiquemena*, e da mais moça. *Piquigimena*. Em S. Ute. dizem *Xerobajara*".

"*Eclypsar-se a lua.* — *Jacibaeyaû*, 1, *Baejacigyâû*, 1, ou *Jacigbae*, 1, *Baejacioû*. Estes são os mais escuros termos de falar q. ha nesta lingoa, porq. querê dizer que ella he a que come algũa cousa, e são tam ambiguos, q. iuntamente querem dizer q, elle he a que come algũa cousa. E assi se costuma mtas. uezes por se não entenderẽ os q. praticão por estes termos uzarem do uerbal em *Pirâ*, o qual desfaz toda a amfibologia. ut. *Baejacig* ou *Jacigaêyupira*. O eclipse da Lua dizẽ *Mes q.* a come algũa fera do Ceo. Os Tupinambás dizem q. he hum tigre. Os Tupís dizem q. he hũa serpente."

"*Escopro.* — *Gigatimuçû*. *Gicoaçocaba*, em S. Ute."

"*Ouriços do mar.* — *Pindauna*, e da *Capta.* do *Spirito Sancto pa.* baixo lhe chamão *Pindaiba*."

"*Leme.* — *Çopigtâerobacaba.* ut. *Igara ropigtaerobacaba.* O tupi diz *Cebicocaba*."

"*Oje futuro.* — *Cori.* *Corie.* *Coriecori.* Entre os Tupis serue o *Cori* de preterito e futuro."

"Rede assi de mão. — Pigçamirĩ. Pigçaipeba chamão câ em baixo e destas ha hũas. . ."

"Rio do Maranhão. — Tapucurugoaçû. Em Sam Vicente. Paraupaba, porq. procede de mtas. lagoas."

"Surdo. — Apigçaeigma. Apigçacarara, em Pirâtininga."

"Bexigas, doença. — Biratĩ; Biraiba; os carijos lhe chamão Curuba."

São da pena de Leonardo essas notas?

Nada impede que o sejam, pois que êle viveu longos anos em Piratininga, tanto no princípio como no fim de sua vida religiosa. Mas também poderiam pertencer a algum estudioso que quisesse aperfeiçoar a obra. Temos casos evidentes de interpolação posterior no verbete "Rede assi de mão" (já citado) e nos seguintes:

"Ferrar gado, ou marcal-o. — Aijupomoin. Melhor parece. Açapig."

"Mircurio. Planeta. — Pirapanema, não parece he a boeira ou a dalua."

Há três verbetes, que devem ser confrontados com o último:

"Estrella dalua. — Jacigtataguaçû, & aboeira he a mesma."

"Estrela boieyra q. he a mesma dalua. -- Pirãpanema."

"Luzeiro. — uide. Estrella dalua."

De tantas contradições acaso se possa concluir que são interpoladas as palavras "não parece he a boeira ou a dalua", "& a boeira he a mesma", "q. he a mesma dalua". A confusão entre Mercúrio e Vênus não é de admirar. No guarani, *Pirapanema* era, sem dúvida, o planêta Mercúrio, a cujo influxo os índios atribuíam a escassez de peixe, como o diz a própria etimologia do nome. Mas Abbeville, que é testemunha para o tupi setentrional, traduz: "estaille du soir". O texto primitivo do Vocabulário parece distinguir entre "estrela dalva" e "boeira". E' de supor também que os índios considerassem como dois diferentes planêtas a Venus matutina e a vespertina.

Entretanto certas notas, em que se comparam as divergências regionais, devem pertencer ao próprio autor. Exs.:

"Doente estar. — Xembaêacig. Xemarabor. Xemaraar. Este entre os Tupynambas senifica estar ia mto. no cabo. Xeracig, improprie".

Outras ficam duvidosas:

"Roncador. Peixe. — Goatûcupâaçaba, do Rio de Janeiro pa. riba Pirâjuba".

"Arco de tirar. — Igbirâpara, mas ia o costume tem Urapara".

Urapara é variante muito antiga, já atestada por documentos anteriores: pode pertencer ao Autor.

O eminente e benemérito Serafim Leite fala na possibilidade da intervenção do Pe. Antônio de Araújo em retoques acidentais à obra, quando de sua passagem por Piratininga, em 1622, época em que era copiado o manuscrito.

A julgar pela 2.^a edição do Catecismo de Araújo (1686) (9), a hipótese seria inadmissível. Ela acusa um grande progresso no sistema ortográfico. Substituindo o *ig* ou *î* do Vocabulário, já se definitivou o *y*. Em lugar da indecisão entre *i*, *j*, *y*, firmou-se o *i*, que mais tarde se converteria em *j*. Há ainda a introdução do trema, para distinguir o hiato do ditongo, utilíssima providência sem a qual não poderíamos hoje conhecer a divisão silábica de numerosíssimos vocábulos.

É verdade que não conhecemos no Brasil o texto da 1.^a edição do Catecismo (1618) e que na 2.^a "a escritura se emendou em orthographia mais proporcionada à locução brasilica" (10). Mais ou menos em 1621 saía a 1.^a edição da "Arte" de Luís Figueira (11). Segundo Serafim

(9) CATECISMO BRASÍLICO DA DOCTRINA CRISTÃ publicado de novo por *Julio Platzmann*. Ed. fac-similar. Leipzig. 1898.

(10) *Ob. cit.*, introd. "aos Religiosos da Companhia de Jesus do Estado do Brasil"; sem numeração a página.

(11) ARTE DA LINGUA BRASÍLICA composta pelo *Padre Luís Figueira*. Lisboa. (1621?).

Leite, já devia estar pronta em 1619, três anos antes de ser copiado o nosso manuscrito do Vocabulário e apenas um ano depois de publicada a 1.^a edição do Catecismo de Araújo. É indiscutível que, sob o aspecto ortográfico, a "Arte" já dera um grande passo à frente de Anchieta e do Vocabulário. Sabemo-lo pelo capítulo "Das letras que se usão nesta lingua", que parece ser idêntico em tôdas as edições.

Como o Vocabulário é redigido em ortografia mais antiga que a de Figueira e a de Araújo e tão antiga quanto a de Anchieta (1595), se não mais, conclui-se que o manuscrito de Piratininga é, e felizmente, uma cópia servil de outro manuscrito bem mais velho. O escriba não só ignorava a língua tupi, mas nem sequer tomara conhecimento de sua evolução gráfica. Interferência de Araújo, se houve, não deixou rastro.

A própria língua do Catecismo já é mais estabilizada, e, digamos, está ligeiramente alterada.

O advérbio "já", p. ex., que em Araújo figura normalmente sob a forma *umã*, excepcionalmente *umoã* e *ymã* (adjetivo, *ymana*), no Vocabulário é quase sempre *ymuan* (adjetivo *ymuana*; composto, *ymuanĩ*), duas vezes *umuã*. Em Luís Figueira e no próprio Anchieta o corrente é *umoan* ou *uman* (composto: *umanĩ*). O Vocabulário sobe assim a uma fase mais remota.

O tupi leonardino, mais mesmo que o anchietano, é uma língua hirsuta, que não se acostumou ainda com

o pente da gramática. As suas frases conservam a espontaneidade indígena, refratária às Artes e às análises nas línguas até então conhecidas.

Seja êste exemplo da p. 360:

“*Que cousa he a cousa, etc., adeuinhação* — Baembiarimpacô iunto â cousa que se a de adiuiñar. ut. Baembiarimpacô ogobixabarobarece opcaopar. i. q. cousa he a cousa q. dada de punhadas nos focinhos de seu principal. r. Tata. i. e o fogo porq. com os tições menores atição os mayores”.

O verbete não vale apenas pela preciosa informação folclórica. O próprio torneio da frase não se ajeita com as regras dos gramáticos. À nossa mentalidade lingüística européia parece que está faltando *-bae*: “Que é aquilo *que...*?” À p. 108 vamos dar com outro exemplo parecido: “Aco oiquê raco Tupã ocipe, 1, Aco Tupã ocipe oiquebae”, “aquelle q. entrou na igreja”. A primeira forma é espontânea. A segunda, ainda que aceitável, paga tributo à sintaxe civilizada.

Interessantes e intrincadas as frases formadas com *tieté* e *manijabo*, pp. 112, 267, 313, 327, 374. Afortunadamente, à p. 423 vem um esclarecimento: “Alguns dizem em lugar da particula Manijabo, Maraajabo do verbo Maraae por onde o primeiro parese o mesmo e anda sincopado”.

Como em Anchieta, no Vocabulário na Língua Brasilica, o verbo é, “dizer”, conserva tôda a sua vastíssima significação primitiva de “pensar”, “pretender”, etc. Está em plena função de auxiliar. E entra naqueles idiotismos onomatopaicos:

ten aé : digo *ten*, isto é : estou firme
tak eí : ele disse *tak*, i. é : estalou, encaixou-se
ning ou *ningning eí xe akanga* : minha cabeça diz,
 ou faz, *ningning* : lateja
guym aé nhé : eu disse *guym* : saí às pressas, voando
tyk oroé : dissemos *tyk* : isto é : somos muitos

V. Vocab. L. Bras., sôbre *ten*, pp. 118, 238 ter, 204; sôbre *tak*, p. 204; sôbre *ning*, p. 273; sôbre *guym*, pp. 120, 302; sôbre *tyk*, pp. 304, 395, 417, 264. Ao passo que Anchieta só se refere a *ten*, Montoya arrola várias dessas locuções. Donde concludo que existiriam também no tupi idiotismos semelhantes aos anteriores, embora só atestados pelos autores que escreveram sôbre o guarani. Cfr. *ndu*, Montoya, Tesoro, 236v., *pong*, ib. 314/308.

Montoya registra ainda umas locuções curiosíssimas, em que o verbo “dizer” equivale ao nosso “fazer”, pessoal:

roi eí : faz frio. Mont., Voc. 286
yaci eí : faz lua. Id., Tesoro, 185

piriái éi: faz suor ou calor. Id., Voc. 130

amá éi ou *amângi éi*: chove. Ib., 355

amâpýtú éi: está nublado, faz tempo carregado de nuvens. Ib. 389

ĩ típiág éi: congelou-se a água. Ib., 435

típiág éi câmbi: coalhou-se a água. Ib., 435

típiág éi: faz ou deita vapor. Id., Tesoro, 301v./295v.

Dada a concordância do Vocabulário na L. Bras. com os documentos guaranis quanto a outros aspectos da complicada sintaxe do verbo "dizer", é justa a suposição de que também nesses idiotismos os dois dialetos se assemelhassem. O modismo entretanto parece restrito aos fenômenos atmosféricos e semelhantes.

Em estudo especial (12) demonstrei como no Vocabulário os prefixos *t(e)* e *s(e)* desempenham o papel de morfemas de classe, função essa que se obliterou rapidamente no tupi e mais rapidamente no guarani. As lições do Vocabulário vieram esclarecer uma página obscura de Anchieta, e possibilitaram-nos a cabal solução de um dos mais difíceis problemas da gramática tupi.

A chamada conjugação relativa ou subordinada apresenta-se no Vocabulário em toda a sua larga apli-

(12) OS INDICES DE CLASSE EM TUPI. In "O Estado de São Paulo". 25-VIII-1940.

cação. As regras de Anchieta e Figueira, com os exemplos de Leonardo do Vale e sobretudo de Araújo, permitem-nos uma completa sistematização gramatical daquele processo sintático, tão vivo no tupi e já decadente nos mais antigos documentos guaranis. Neste dialeto Montoya nos deixou alguns exemplos, mas só Restivo estabeleceu regras gramaticais, essas mesmas, porém, incompletas e obscuras.

Uma das particularidades gramaticais que mais atraíram a atenção de Anchieta e de Figueira, foi o uso do prefixo pessoal *ja-* em vez de *o-* na 3.^a p. (13). Que eu saiba, o Vocabulário de Leonardo do Vale é o único documento que abona aquela afirmação dos dois gramáticos (14). Claro está, porém, que no caso *ja-* não é o pronome da 1.^a p. do plural, como querem Anchieta e Figueira, mas vestígio de algum pronome da 3.^a p., mais arcaico.

Comparado pelos documentos o guarani com o tupi, este parecia levar desvantagem quanto ao número de partículas. Restivo dedicou a elas um capítulo especial de sua Arte, com mais de 100 páginas, alegando que "si todas las lenguas piden especial estudio para saber bien el uso de las partículas, mucho más lo pide

(13) Anchieta, *ob. cit.*, 36 v.; Figueira, *ob. cit.*, ed. *Emílio Allain*. Rio. 1880, pág. 97.

(14) *Ob. cit.*, verbete "Eclipsar-se a lua" (p. 197), já citado mais acima.

esta que toda se compone de ellas" (15). O Vocabulário de Leonardo do Vale veio revelar que o tupi não é menos rico que o guarani nesse particular. Num catálogo especial que organizei das partículas do Vocabulário, só a letra A abarca perto de 200 verbetes, compreendidas as partículas compostas.

Quanto à técnica, o Vocabulário de Leonardo não atinge a perfeição das obras de Montoya e Restivo. Tem falhas e tem excrescências. Mas estas nunca são inúteis, e trazem sempre informações preciosas. E das lacunas, bem poucas são as que não se possam preencher com um estudo comparado de todos os verbetes.

O Vocabulário abarca tôda classe de noções e nomes: animais e seus hábitos, plantas, matas, agricultura, partes do corpo, idade, tamanho, sexo, parentesco, doenças, defeitos, caracteres, estados da alma, religião, superstições, habitações, povoados, navegação, tempo, astros, culinária, bebidas, vida sexual, morte, medidas, numerais, fenômenos fisiológicos, atmosféricos, acidentes geográficos, etc., etc. As informações são particularmente abundantes sobre ornatos, toilettes, vestuários, caça, pesca e guerra, e termos relacionados com a água. E não só substantivos, mas uma infinidade de verbos e adjetivos subordinados àqueles temas. Um bom número de frases e períodos, aduzidos de quando

(15) LINGVAE GUARANI GRAMMATICA..... Paulo Restivo. Stuttgartiae. MDCCCXCII, p. 215.

em quando para exemplificar alguma regra, fazem do Vocabulário um inestimável auxiliar no aprofundamento da gramática tupi.

É impossível pôr em relêvo tôdas as informações novas que o Vocabulário veio prestar a respeito da forma e do sentido de inúmeros vocábulos. Vejamos apenas alguns exemplos.

Leonardo do Vale deixa bem clara a diferença que havia entre o tupi e o guarani no concernente às palavras "rio" e "mar". Para Montoya "mar" é *pará*, "rio" *y*, e os rios maiores *paraná*, "parientes del mar". Para Leonardo, "mar" é *paraná*, "rio" *yguasu*; nada diz sobre *pará*. É curioso que nenhum dicionário do tupi colonial registre a palavra *pará* no sentido de "mar" ou "rio". Mas deve ter existido em época anterior, na acepção de "rio", pois figura em inúmeros nomes geográficos. O próprio Vocabulário na L. B. traz: "*Rio de S. Frco. da banda do norte. — Pará*" e "*Rio do Maranhão. — ... Paraupaba, porq. procede de mtas. lagoas*". Também *paraná* aparece em nomes próprios de rios brasileiros. Concluo que os índios de língua tupi não faziam distinção categórica entre "rio" e "mar". Quizá nem mesmo os guaranis.

O Vocabulário nos ensina que a palavra *ybytyra*, "monte, montanha, serra", precedida dos pronomes *xe*, *nde*, etc. recebe *r*: "*Outeiros ter a terra como caminho. — Xerigbigtigr*". Cfr. também p. 391. O mesmo diz de alguns nomes compostos de *y*, "água": *ygapenunga*,

"onda" (p. 317), *ygaiba*, "tempestade" (p. 402), etc. Quanto a êstes a informação não é nova, pois também a palavra *y* recebe *r* em alguns casos: *xerigcatú* (p. 132).

O Vocabulário supõe a existência e o conhecimento de alguma gramática da língua, a de Anchieta naturalmente (16). Não traz uma só regra a respeito dos prefixos pessoais e de partículas de suma importância na língua, como *moro-*, *je-*, *aba*, *ara*, *mbi-pyra*, etc., já suficientemente estudadas por Anchieta. Mas estende-se e repete-se tôda vez que toca em pontos gramaticais omitidos por aquêle Autor. Tal o caso dos prefixos de classe. Tais as observações sôbre a partícula *tyba*:

"(Jazigo ou *çama como quer*.)... a partícula Tigba, iunta a qualquer uerbal quer dizer q. disso serue sempre, ut, Tupatigba, o seu comum iazigo. Xerecoatigba, lugar onde eu comunte. costume andar. Xeçôatigba, onde eu comunte. costume ir, etc."

"Pescaria, onde se pesca cõ rede. — Jeporacaçaba. Pigçaguaçueitigcaba. No fim de cada hum destes se pode acrescentar Tigba, a qual par-

(16) Lembre-se que, embora só publicada em 1595, já desde 40 anos antes se estudava por ela nos Colégios da Companhia de Jesus.

ticula junta a semelhantes uerbais, denota aquelle costume, ou continuação de tal acto no tal lugar. ut. Xepindâeitigcatiba, lugar onde eu costume frequentemente. pescar. Jeporacaçatiba. etc."

"Comũ cousa e uzada ser em alguẽ. — Tigba. Iunto ao uerbal em aba, ou xeremi. ut. xeçoatiba, xeremiûtiba. etc."

"Algoz por officio. — Morojubycatiba. Moroajubigcatib (*sic*). Algoz por hũa uez soo tomara a denominação da obra q. fez. Sem lhe por o tiba do cabo, como se ênforcou hũa vez por força, ou premio, chamar-se-á Morojubicaruera, e se a cousa esta ainda por fazer, terá no cabo, rama, e se esta na obra de presente será somente Morojubicara. O mesmo he se desorelhar, açoutar, etc."

Essas funções de *tyba* só nos eram conhecidas por Montoya e Restivo, no dialeto guarani, embora delas tivéssemos exemplos também no Catecismo de Araújo, pp. 29 (dois exemplos) e 247.

Só no Vocabulário encontro a declaração da existência de um uso majestático da proposição *supé*: "*Para, datiuo*. — Çupê. e serue so na 3.^a pa., ut, Pô çupê, pa. Pô ou a Pô. Uerdade he q. se hum grande principal

dizer Yxe çupê, não serâ erro mas si em nos outros, nem mais nem menos q. as licenças poeticas. . .”

Só no Vocabulário, e em nenhum outro autor, vejo confirmado o depoimento de Jean de Léry, de que o pronome *ahê* é exclusivo do masculino e do singular: Cfr. Voc. L. B., p. 108, 223, 238.

Só pelo Vocabulário fico sabendo da distinção entre demonstrativos para coisas presentes, ou não, à vista:

“*Aquelle, ou aquella, ou aquillo que esta presente.* — Quei. Queibae. Quea. E se esta abête Acoe,

1, Acuey. Acueya. Acueybae.”

“*Aquelle, aquella, aquillo q. sinto ou ouço e não vejo.* — Aipo. Aipobae.”

“*Aquillo que ambos estamos uendo.* — Quea. Queea. Quebae. Queebae. Estes que levão dous ee iuntos servem para o que se mostra mais longe.”

“*Aquillo que tu, e eu sabemos.* — Aquea. Aqueibae.”

“*Aquillo, ou isso q. se ouve ou sête e não se ue, ou eu não conheço mais que por fama.* — Aipo. Aipobae.”

“*Eil-o sentindo-o somte. no uer.* — Aipô. i. cecou, Yxou etc. ut. Aipôturi. Ei-o uem, ouuindo-o somente. etc.”

“*Esse.* — Eboquei. Eboquea. Eboqueibae.”

“*Esse mesmo.* — Eboquea, aê, et sic de coet. E todos estes se mostrão, e an de estar presentes.”

“*Esse mesmo q. tu dizes, ou te dicerão.* — Aebae. Aipobae. Ae. Aipô.”

“*Isso, pronome, pello p. se uê.* — Üï, Üïbae. Ebouj. Eboui. Euj. Eujbae. Quea. Eboquea. Queibae. Eboqueibae.”

“*Isso, ou isto pello q. somte. se ouue e não se ue.* — Aipo. Aipobae.”

“*Isto.* — Ang. Yang. Angbaê. Yangbaê. alr. Cò. Cobae. Yco, Ycobae. Differem nisto que os primros. dizê-se assi do uizivel, como do inuizivel estoutros somtes. do uizuel.”

Numa fase de elaboração gramatical, como aquela em que escreveu Leonardo do Vale, não causará espécie saber que, de raro em raro, as suas afirmações não concordam com as de algum gramático. A propósito, p. ex., de *t(áia)* cfr. VLB 92, 120, 143, 242, 276, 302, 262; Anch. 14; Fig. 77; Montoya, Tesoro, 138v., 351v./345v., 352/346. Sobre *tínga* “fastidioso”, cfr. VLB 232; Anch. 14; Fig. 78; e a forma guarani, *tĩngĩ*, Montoya, Tesoro, 391/395. Etc.

Em geral o Vocabulário se aproxima de Anchieta, mais que dos outros autores. Mas por vêzes distancia-se.

Assim no caso da locução *aé umañi*, Anchieta, p. 56v., encontra diferença de sentido entre a conjugação positiva e a negativa. O Vocabulário, pp. 312, 347, afirma que o sentido é um só. Figueira, p. 148, embora distinguindo as traduções, dá a entender que praticamente coincidem.

Não admirarão as divergências entre o Vocabulário e Anchieta, tão raras, quando se atentar nas que há, e mais frequentes, entre Anchieta e Figueira. Cfr., além dos casos já citados, as diferentes traduções dadas por Anchieta, p. 35, e por Figueira, p. 131, para as mesmas frases formadas com a partícula *aub*. Com mais razão se não de esperar discrepâncias com os autores que tratam do dialeto guarani. Cfr., p. ex., Montoya, Tesoro, 146, e VLB 409, a respeito de *aubar*. Para o primeiro, o verbo se traduz por "agarrar, coger con la mano, o con otra cosa, hazer con tiento". Para Leonardo, significa "Tomar em seco como qdo. hum quer tomar a uara com q. lhe dão e nunca acerta, ou o gato a corda com q. cõ elle brincão, o cão, o coelho, ou perdiz q. lhe furta a uolta, ou se lhe mete por entre as pernas, etc.".

Quanto aos nomes próprios geográficos, apesar de nos ter conservado um bom número deles, Leonardo não mostra grandes preocupações etimológicas. Porventura já tropeçaria com as mesmas incontáveis dificuldades na interpretação daqueles topônimos, alguns anteriores ao descobrimento, alguns talvez dados por tribos de outras

línguas, e conservados pelos tupis, após a conquista da costa. Entretanto o Vocabulário, pelo simples fato de nos apresentar um repositório mais completo da língua, veio abrir novas possibilidades aos estudos etimológicos. Vejam-se, entre outras, as seguintes informações:

"*Águoa que corre per laçes e não em bica mas espalhada cubrindo toda a superficie. — Itapecigrigca.*"

"*Bica q. corre de sima de algũa rocha ou penedia por ella abaixo. — Jtarerê.*"

"*Trasto, ou coua qualquer. — Igbigapaba.*"

"*Ualado, ou sercado qualquer, e como quer. — ... Piaçaba. Ybiapaba.*"

"*Caua. — Jbîgapaba.*"

"*Guedelha q. os Indios tem sobre as orelhas. — Atigbaya.*"

O Vocabulário não ficou isento de erros tipográficos, se não de transcrição (17). Estando esgotado, já se pode falar em futura edição. Se ela sair algum dia, é de esperar que venha escoimada dêsses senões. Impõe-se nova e rigorosa revisão, comparada com os manuscritos de que há notícia (18). Em lugar do longo prefácio de editor,

(17) Mais de 150 anotei eu, no correr de outros estudos sobre o texto do Vocabulário.

(18) VOCABULARIO NA LINGUA BRASÍLICA, ed. cit., Prefácio de Plínio Airoso, págs. 45 e segs.

que bem pode ser reduzido a 5 ou 6 páginas, será mais útil juntar um catálogo remissivo das palavras usadas na obra.

É o que merece êsse monumento lingüístico, obra dos jesuítas mais que de um jesuíta, mina de informações valiosas para os estudos brasileiros. Cada uma de suas páginas reserva uma surpresa para os exploradores do nosso passado. Cada uma de suas linhas esconde um veio riquíssimo de depoimentos de primeira ordem para o estudo do tupi.

POST SCRIPTUM

A involuntária dilação de dois anos na impressão dêste opúsculo dá oportunidade para uma nota a respeito de outro manuscrito do Vocabulário na Língua Brasília, pertencente à Biblioteca Nacional, o qual nesse entre-meio pude conhecer (19), e que veio confirmar cabalmente as minhas suposições.

(19) Seção de Manuscritos, I — 1, 1, 24. O "Catalogo da Exposição de Historia do Brasil", 2.º vol., p. 1.011, assim o descreve :

"11.981 — *Diccionario da lingua geral do Brazil*. (B.N.).
"Cópia por letra do XVI século. Consta de 72 ff. não num., medindo 19 centímetros de altura por 14 de largo. Em portuguez e tupi ou guarani. Não traz nome de autor, nem data, nem título. Faltam as letras "A e B, começando pelo vocábulo — Cabeça humana sem corpo, "Acanguera".

Segue-se uma nota à mão : "Temos uma cópia completa na Coleção Martins (Felner?)".

Na mesma secção, I — 32, 8, 14, há uma cópia em letra moderna, que começa, como o manuscrito de Félix Pacheco, por "A Dativo Çupê". Mas termina no verbete "Alma do q. ja

O manuscrito não inclui as citadas glosas dos verbetes "Escopro", "Ouriços do mar", "Leme", "Oje", "Rede assi de mão", "Rio do Maranhão", "Surdo", "Ferrargão", "Mircurio", "Estrella dalua", "Estrella boieyra", "Roncador", "Cunhado de molher". Traz, sim, integralmente os verbetes "Cesto" "Coentro", "Cotouelo", "Doente" e, em redação muito mais compreensível, "Eclipsar-se a lua" (20).

Fica assim demonstrado que o Vocabulário é originário do Norte e que a grande maioria das notas referentes ao Sul são posteriores.

* * *

Não cabe aqui um exame mais detido do manuscrito da Biblioteca Nacional. Sublinho entretanto as principais suas características, em confronto com o da Biblioteca Municipal de São Paulo (21).

morreu. — Anguéra". Consta de 14 ff. sob o título de "Vocabulario da Lingua Brasilica".

(20) Faltando-lhe as letras A e B, ignoramos se conteria integrais os verbetes "Arco de tirar", "Acerca que" e "Bexigas". O penúltimo consta da moderna cópia parcial.

(21) Abreviaturas: BNRJ: código da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro; BMSP: código da Bibl. Mun. de S. Paulo.

Quando me refiro ao código de S. Paulo, faço-o através da citada edição de Plínio Airoso, visto como não tenho presente o manuscrito. Não me responsabilizo pela absoluta fidelidade daquela edição.

Os dois códigos em geral concordam.

O número dos verbetes, substancialmente, é o mesmo. Mas há exceções.

BMSP tem algumas entradas próprias:

"Malato andar", "Mano, a femsa ao macho", "Mesturar-se assi algũas cousas", "Moço, adolecens", "Moço q. serue e mcasa como pagem", "Moço q. serue em casa como o de riba ut supra", "Molhado estar alr. como do orualho, ou da humidade da casa ou lugar sombrio onde estaua", "Cunhado de home, marido de irmã ou prima", "Presos estarem dous em hum grilhão", "Pendão", "Pentear-se", "Perigrino, ou caminhante iuntante. com outro", "Perto estar da partida", "Perto o q. esta doutra pa. ou lugar", "Pescoço pella parte trazeira delle a que chamão ceruiz", "Nunca, nũca", "Não dar por nada por mais q. digão, não desistindo do q. faço, ou digo", "Mortal ser de condição", "Peixe coelho do alto", "Peleja por guerra", "Morada, o mesmo q. casa", "Molher que tem", e poucos mais.

Também BNRJ tem os seus verbetes, privativos: *"Cair indo pouco a pouco como a parede que se uay esboroando. Xeapacuj".*

"Calos ter nos pees, Xepigirua".

"Pendericalhos, cenēbaya, cenēbanēbaja" (22).

(22) Vê-se que aqui o copista de BMSP, distraído, saltou dez verbetes.

"Pendericalhos ter, Xerenēbay".

"Penedia, ytatigba, ytatigbuçû".

"Penedo ql. quer, pedra, jtâ".

"Penedo grande, Itagoaçû".

"Peneira, Üi mogoapaba".

"Peneirar, Aimogoâr, s. üi".

"Penitencia dos peccados, maratecoaguerepig".

"Penitencia fazer, Acepigmeeng xe recopuera. 1. xerecoangaipaguera".

"Perecer, Apâb, Acanhêm".

E poucos mais.

A redação é quase sempre igual. Discrepâncias, quando há, são insignificantes na maioria.

Em geral, BNRJ opta pela redação mais curta. As exceções são raras (p. ex., "Empinado estar o sol", "Caranguejo").

Por vêzes BNRJ veio mostrar que BMSP (o manuscrito ou a edição) está adulterado; v., p. ex., "Redondo como bola", "Cada hum por si ser", "Calafate", "Calafetar", "Eclipsar-se a lua", "Eil-o sentindo-o...", "Lauor fazer assi daquella sorte...", "Não o homê".

Entre os dois códices o desencontro mais sério é no verbete "Cobra".

Entretanto, principalmente do meio do Vocabulário para o fim — mais ou menos a partir de "Lingoa como..." — BNRJ, mantendo embora quase que o mesmo número de verbetes, passa a redigi-los com muito maior sobriedade de pormenores. A parte sacrificada é quase sempre a final dos verbetes; v. p. ex., "Louuar", "Luitar", "Lume fazer", "Mana, o homê", etc., etc. Mas a tesoura se insinua também pelas entrelinhas. Às vêzes, a poda é rigorosa. Assim às pp. 291, 298, 299, 300, 301, 306, 321, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 360, das quais pouco resta em BNRJ. O exemplo das pp. 335-336 é o mais ilustrativo.

Mas, trata-se de poda em BNRJ, ou de enxêrto em BMSP?

Por algum tempo fiquei hesitante. Acréscimos precisamente na parte final da obra? A explicação contrária seria mais compreensível; o copista de BNRJ, já cansado, teria decidido abreviar o fim da tarefa. Mas o caso é que o códice BNRJ é indubitavelmente *mais antigo* (23). Por outro lado, certos acréscimos são evidentes (p. ex. "Penca da palma", etc.).

(23) E' do mesmo parecer o ilustre dr. Jaime Cortesão, que, depois de examinar BNRJ, me externou sua impressão de que se trata de um documento nitidamente *quinhentista*.

BNRJ é mais bem acabado, quanto à divisão das palavras, acentos, ortografia, e, em geral, quanto ao serviço de cópia. Mas lá alguma vez também cochila:

BMSP	BNRJ
<i>Em gatinhas. — Opobo. Opo- bonhe.</i>	<i>Os gatinhos. Opobo. Opo- bonhe.</i>
<i>Oitauas, ou muitos dias sanc- tos juntos.</i>	<i>Oitauas, ou muitos sanctos juntos.</i>

A custo se lhe encontrarão outros deslizes. O escriba não é um iniciante no tupi, como se confessa o de Piratininga. E o seu sistema ortográfico é mais racional. Enquanto a vogal velar no códice de Piratininga oscila entre as duas grafias *ig* e *i*, no da Biblioteca Nacional é, normalmente, *ig*. Anchieta é testemunha dessas indecisões ortográficas: para obviar às possíveis confusões na pronúncia do *ig*, propõe *i* com um ponto subscripto. Mas o tal ponto não aparece nem uma vez na "Arte". Dificuldades tipográficas? O certo é que não o encontro tão pouco nas poesias autógrafas de Anchieta, que se conservam na Cúria Generalícia da Companhia de Jesus, em Roma, sem dúvida mais antigas que os exemplares impressos da "Arte". Nas poesias transcritas com letras de outros, mais recentes

que Anchieta, vem *ig*. Em Fernão Cardim é normal *ig*. Mais tarde é que se estabilizou o *y*. A evolução gráfica daquele som nos antigos documentos talvez fôsse a seguinte:

- | | | |
|--|---|--------------------------|
| 1.º) <i>i</i> , | } | com inter-
corrências |
| 2.º) <i>ig</i> | | |
| 3.º) <i>i</i> ou <i>i</i> com ponto subscripto | | |
| 4.º) <i>y</i> | | |

BNRJ, exarado ainda no século XVI, pertence à 2.ª fase. BMSP, mais recente, procurou substituir *ig* por *i*, entretanto com numerosos lapsos. Não admira a incoerência: BMSP é copiado por quem mal conhecia a língua. Outro copista, ao transcrever no mesmo códice os "Nomes das Partes do Corpo Humano" do Pe. Pero de Castilho, redigidos em 1613, usa largamente do *i* com ponto subscripto; e, na 2.ª parte, *ig* com ou sem o ponto.

De minuciosa comparação dos dois códigos, julgo poder deduzir algumas conclusões:

BMSP não depende diretamente de BNRJ: senão teria transcrito os erros, visto como o copista não conhecia bem a língua.

BNRJ não depende de BMSP: a) o código BNRJ é mais antigo; b) teria conservado as variantes sobre os subdialetos do Sul, esparsas por BMSP (24).

Os dois códices se prenderiam a um código mais antigo.

BMSP copiou-o servilmente, tentando apenas (sem grande êxito nem constância) modernizar-lhe a ortografia. Acrescentou muitas notas, principalmente na segunda metade da obra.

BNRJ copiou, cuidadosamente, o código comum, com ligeiros lapsos, e alguns acréscimos.

Não excludo, antes sou inclinado a supor, a existência de um ou mais manuscritos entre cada um dos dois que conhecemos e a fonte comum. A êsses supostos manuscritos atribuiríamos, em parte ou no todo, as alterações gráficas, textuais, os acréscimos, supressões e lapsos que distinguem os dois códigos conhecidos nossos.

O aparecimento de outros manuscritos dirá, futuramente, até que ponto acertamos com a verdade.

* * *

Concluído o Post-scriptum, recebo o trabalho do Padre Serafim Leite "*Leonardo do Vale, Mestre da*

(24) Só em um caso BMSP consigna como *variante* a linguagem dos índios setentrionais.

"*Neue, ou geada. — Roigrigpigoca. Amanarigpigoca.*

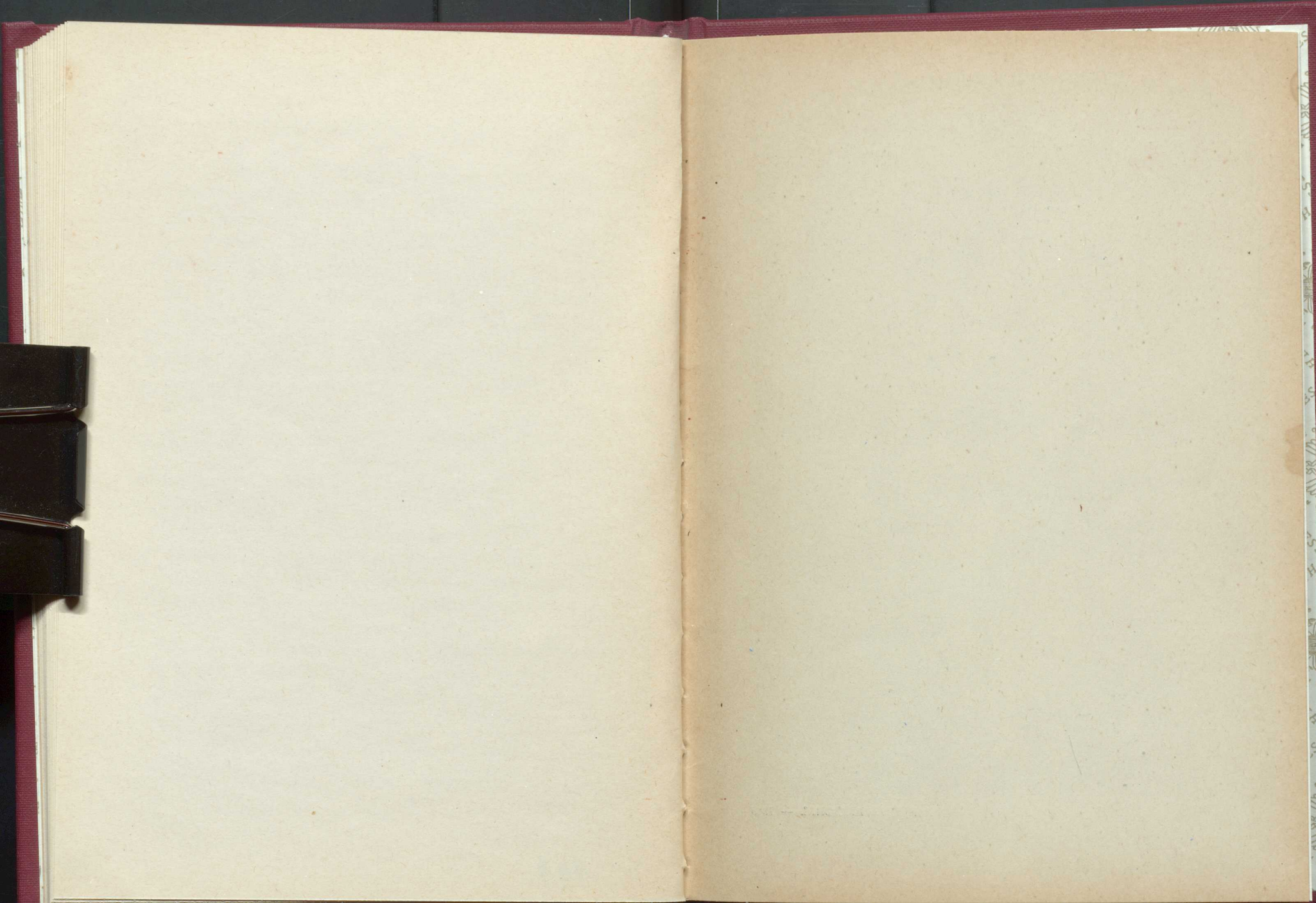
"*Os Tupinambás comunte. dizem Rigpiaca.*"

Língua Tupi-Guaraní", separata da "Revista de Portugal" (Lisboa, 1946), em que vêm reproduções fotográficas de três páginas do código do "Vocabulário da Língua Brasilica" pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa. A julgar pelas três páginas, nas divergências entre BMSP e BNRJ, BNL prende-se de perto a BMSP, embora este seja ligeiramente mais breve, e afasta-se de BNRJ. Não resta dúvida que, dos três manuscritos, o mais antigo é BNRJ. Diz Vicente Chermont de Miranda, nos seus *Estudos sobre o nheengatu* que "o original existe na Torre de Tombo", sendo o código BNRJ cópia daquele (25). Ignoro se a informação é verdadeira.

Da gentileza do mesmo Padre Serafim Leite obtive fotocópia de uma página da 1.^a ed. do "Catecismo da Doutrina Cristã" de Antônio de Araújo. A ortografia é bastante diferente da 2.^a ed., e muito semelhante à da "Arte" de Anchieta. O y representa a semi-vogal (e mesmo a vogal) *i*. Para a vogal velar não há sinal próprio: confunde-se com o *i*. Teria Araújo encontrado as mesmas dificuldades tipográficas que Anchieta. Para uma completa cronologia ortográfica, resta conhecer o sistema usado por Figueira na primeira edição da sua "Arte".

(25) In "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", vol. LXIV, p. 17.

W 65



Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
<http://biblio.etnolinguistica.org>